

Leia nesta edição

» [Comente](#) » [Envie a um amigo](#) » [Imprimir](#) » [Compartilhar](#)

Tamanho da letra: A- **A+**

Editorial

Tema de capa

Jean-Claude Schmitt
Luís Alberto De Boni
Jacques Le Goff
Alfredo Culleton
Jérôme Baschet
Edmar Checon de Freitas
Hilário Franco
Jean Lauand
José Rivair de Macedo
Nilton Mullet Pereira
Ricardo Luiz Silveira da Costa

Destques da Semana

Luiz Felipe Baêta Neves Flores
René Girard
Destques On-Line

IHU em Revista

Juracy Saraiva
Idade Média e Cinema II
Ciclo de Estudos
Fernando Haas e Aldo
Mellender Araújo
I Ciclo de Estudos
Eventos
IHU Repórter
Cartas do Leitor

Expediente

Conheça a equipe do IHU

Ramon Llull, um “guia” para a Idade Média

Autor de mais de 250 obras e fora dos “tipos” conhecidos do medievo (clérigo, servo e burguês), o filósofo catalão Ramon Llull pode servir como “guia” para se conhecer melhor a Idade Média, sobretudo os séculos XII, XIII e XIV, disse o historiador Ricardo Costa em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Por: IHU Online

A profusão de temas abordados por Llull vai da poesia à medicina, do direito à filosofia e teologia. Sua obra é de grande atualidade, e chega mesmo a antecipar pensadores contemporâneos como Sartre e Plessner. Na entrevista que segue, o professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), avalia a importância de Llull e revela que esse autor teria muito a ensinar a nossos políticos, embora isso seja bem difícil de acontecer. E lamenta os preconceitos que ainda persistem sobre a Idade Média: “No Brasil, infelizmente, predomina ainda a idéia de que a Idade Média foi um tempo de ignorância, barbárie. Isso por duas razões: puro desconhecimento por parte de muitos colegas, e a grande mídia, sempre ignorante e em busca do lugar-comum para ser melhor entendida”. Costa é mestre e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Sua tese intitula-se A Árvore Imperial - Um Espelho de Príncipes na obra de Ramon Llull (1232-1316). Cursou dois pós-doutorados, ambos na Universidade Internacional da Catalunha, na Espanha. De suas dezenas de especializações, destacamos a de tradução de textos do catalão antigo, de Ramon Llull, cursada na Universidade Albert-Ludwigs, na Alemanha. Escreveu A Árvore Imperial. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2001; Ramon Llull. O Livro dos Anjos. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2002; Las definiciones de las siete artes liberales y mecánicas en la obra de Ramón Llull. São Paulo/Porto: Hottopos, 2005, entre outros. Conheça mais sobre o trabalho do historiador, acessando sua página na internet: www.ricardocosta.com

IHU On-Line - Por que Ramon Llull é fundamental para compreender a Idade Média e, sobretudo, o século XII? Qual é a importância da tradução de suas obras? Como a influência árabe aparece nelas?

Ricardo Costa - Ramon Llull é um personagem fascinante, pois escreveu mais de 250 obras e não se encaixa em nenhum dos “tipos” famosos medievais (não era clérigo, não era servo, talvez da baixa nobreza ou da baixa burguesia - burguês entendido como morador do burgo, isto é, cidadão - mas logo abandonou sua ordem para se dedicar à pregação). Pode-se ter uma boa noção da Idade Média (especialmente dos séculos XII-XIII-XIV) porque ele escreveu sobre praticamente todos os temas famosos na época (poesia, medicina, direito, filosofia, teologia), embora seu “pano de fundo” tenha sido o mesmo: provar, por “razões necessárias”, que o catolicismo era a religião verdadeira.

É importante traduzir suas obras, porque, assim, os estudantes universitários têm acesso direto a um texto da época, à linguagem da época, a expressões e formas de pensamento típicas do medievo. Sua filosofia, o “humanismo cristão”, é muito importante para resgatarmos um pouco da ética clássica, em que verdade é verdade, mentira é mentira, justiça é uma coisa boa, injustiça uma coisa má, o bem é belo e o mal é feio, e assim por diante (de resto, praticamente todos os antigos e medievais, tinham esses conceitos em mente). Além disso, ao traduzir e reorganizar as frases, eles melhoram muitíssimo o português, você acredita? Agora mesmo estou corrigindo a tradução de uma novela enciclopédica, o Livro das Maravilhas, obra escrita em 1289, com um conteúdo muito interessante. Deve sair esse ano. Como viveu em uma sociedade totalmente mesclada (islamismo, judaísmo e cristianismo), Llull recebeu muitas influências muçulmanas. Ele cita os sufis islâmicos em várias passagens.

IHU On-Line - Qual era a definição da pessoa humana em Llull? Qual é a atualidade de sua concepção?

Ricardo Costa - Interessantíssima: homem é um animal homificante, isto é, um ser que hominiza o mundo inteiro, apropriando-se dele (o mundo) em seus atos intelectivos, voluntativos e memorativos (em seu entender, querer e lembrar), isso externamente. Internamente, é um ser dinâmico e processual, que se realiza por meio de seus atos e assim se faz homem. Nas palavras do filósofo: “o homem é homificativo e homificável” (sujeito e objeto da homificação), pois é atuando no mundo que o homem se realiza! Segundo um querido amigo, o filósofo alemão

Alexander Fidora, da Universidade de Frankfurt, essas idéias antecipam Plessner e Sartre !!! É ou não é atual?

IHU On-Line - Qual é a importância de Llull para o nascimento da ciência e suas influências hoje? O que a premissa de buscar o conhecimento livre de julgamento prévio pode ensinar à ciência moderna?

Ricardo Costa - Na época de Llull, nascia a ciência - no sentido da observação do mundo (é o ato de maravilhar-se platônico colocado em prática). No próprio Livro das Maravilhas, há muitos capítulos dedicados à natureza (sobre o trovão, as nuvens, etc.). Inclusive, o capítulo sobre o homem (quase 60% de toda a obra) é literalmente uma maravilha (Por que o homem gosta de beber? Por que o homem gosta de cheirar? Por que o homem gosta de ter filhos?) A influência hoje - entendo-se "influência" como ação na vida das pessoas hoje - é ínfima. A maior parte da humanidade infelizmente vive uma vida voltada apenas para as coisas práticas (os medievais diriam que são escravos, pois só o estudo do conhecimento pelo conhecimento liberta o homem). Mas essa falta de conexão se aplica a praticamente todos os pensadores anteriores a Maquiavel. Em minha consideração, infelizmente, vivemos em um período maquiavélico. "É melhor ser temido que amado..." Eu sempre achei o contrário.

No caso do conhecimento livre de julgamento prévio, isso é uma das bases da compreensão hermenêutica. Também infelizmente, no caso das ciências humanas, contudo, a maior parte das pessoas (mesmo que digam o contrário) busca o conhecimento com muito preconceito (veja o próprio caso do estudo da História Medieval).

IHU On-Line - Poderíamos estabelecer alguma ligação entre a "Arte" de Llull com a transdisciplinaridade hoje buscada no conhecimento?

Ricardo Costa - Em linhas gerais, sim. Contudo, não acredito nessa "linha histórica" assim tão linear. A história humana é feita de avanços, retrocessos, paradas, e possui tempos diferentes (como me ensinou Fernand Braudel). No caso da transdisciplinaridade pós-moderna, não creio haver muita similitude com a medieval, pois as premissas eram muito diferentes. Em linhas muito genéricas, porém, a resposta é sim: ambas buscam uma aproximação entre os diferentes campos do saber.

IHU On-Line - De que forma a cosmovisão de Llull pode estabelecer um diálogo inter-religioso na época conturbada em que vivemos, sobretudo no Oriente Médio?

Ricardo Costa - Essa é uma questão espinhosa. E você está certa: vivemos em uma época conturbada mesmo! Entretanto, para não deixar sua pergunta sem resposta, creio que o conceito é "boa vontade" para com o outro. No Livro do Gentio e dos Três Sábios, todos têm o mesmo espaço para apresentar sua fé, e todos escutam o "outro". No fim, ninguém muda de idéia, mas voltam a caminhar conversando. No fundo, no fundo, trata-se da benevolência platônica, conceito pouquíssimo levado em consideração hoje. Um pequeno parêntese para explicar isso (que também era um pressuposto lluliano) A dialética platônica - que visava à liberdade do espírito - tinha como pressuposto a "discussão com benevolência". E que é benevolência? É ter boa vontade para com alguém, escutar o outro. Isso está em A República, de Platão. Nesse texto maravilhoso, só o sofista é desagradável, não sabe ouvir, é grosseiro, deselegante. Sócrates, em resposta, sempre tem uma palavra amável para com Trasímaco (em Llull há o mesmo sentimento, com o acréscimo das lágrimas, a compunção cristã. Como disse Le Goff, "o homem medieval é um homem que chora"). Só assim os homens podem chegar à "liberdade de espírito" e existir uma "comunidade de educação verdadeiramente livre" como desejava Platão. Isso seria um bom começo.

IHU On-Line - O que é e como pode ser explicada a aproximação entre o "espelho do príncipe" de Llull e o de Santo Tomás de Aquino? Poderia explicar o projeto político lluliano e o que ele poderia ensinar à política contemporânea?

Ricardo Costa - Um e outro pertencem à tradição dos Espelhos de Príncipes! Esse é um dos temas de minha tese de doutorado. Para a política contemporânea? Ensinar aos políticos atuais? Você está brincando! Eles são ignorantes. Todos. Inclusive o nosso presidente. Há uma famosa frase de um pensador medieval do século XII (John of Salisbury) que se aplica ao Lula: Rex illiteratus est quasi asinus coronatus (um rei iletrado é como um asno coroado). Sabe o que diz Platão? Que todo homem que aspira a um cargo político deveria ser proibido de tê-lo. Portanto, as filosofias clássica e medieval têm a ensinar ética! Só assim baniríamos para uma ilha distante os Delúbios, os José Dirceus da vida!

IHU On-Line - Acredita que, de certa forma, a sociedade pós-moderna ainda possua, mesmo que veladamente, a divisão medieval entre clérigos, nobres e servos? Quem seriam os clérigos, nobres e servos atuais?

Ricardo Costa - Não. A divisão social hoje tem como base o poder econômico; a medieval, a função que a pessoa exercia no todo, independente de seu poder econômico! Mas nem na Idade Média essa divisão correspondia à realidade. Isso foi uma abstração criada por clérigos para se pensar a sociedade de então. A realidade era muitíssimo mais complexa. Llull mesmo, em um tratado, indica mais de 35 profissões em sua ilha (Maiorca)! Ademais, havia clérigos filhos de nobres e clérigos filhos de servos, camponeses ricos e cavaleiros pobres, ricos-homens que abandonavam tudo para viver na pobreza. Por fim, uma vez mais: os pressupostos eram diferentes.

IHU On-Line - Ainda com relação às obras de Llull, como era a educação das crianças na Baixa Idade Média?

Ricardo Costa - Esse é um tema muito interessante, objeto de pesquisa de meu pós-doutorado em Barcelona e que me deu um enorme prazer! Na Baixa Idade Média, o ensino era dirigido por homens da Igreja (e também por ela própria). Algumas mulheres aprendiam, mas em casa (aulas particulares), quando ricas. A base da educação era o Trivium e o Quadrivium (desde o século V): gramática, lógica e retórica; aritmética, geometria, música e astrologia.

Seria o correspondente ao nosso primeiro grau e segundo grau. Depois, uma universidade (Teologia, Direito e Medicina). A Idade Média criou a universidade. Não há nada parecido no mundo antigo. Só isso deveria ser suficiente para banir-se de nosso ensino atual o rótulo "Idade das Trevas", noção que se aplica muito melhor ao século XX, dos Gulags, dos campos de concentração nazistas e da bomba atômica!

IHU On-Line - Quais são os principais preconceitos que ainda persistem sobre a Idade Média e o que já mudou nesse sentido?

Ricardo Costa - No Brasil, infelizmente, predomina ainda a idéia de que a Idade Média foi um tempo de ignorância, barbárie. Isso por duas razões: puro desconhecimento por parte de muitos colegas, e a grande mídia, sempre ignorante, e em busca do lugar-comum para ser melhor entendida. Nossos esforços ainda são particularizados ao mundo universitário (mesmo assim com muitos problemas). Dou-lhe um exemplo: uma tarde, em minha sala na Ufes, estava trabalhando no laptop com um texto de Llull. Dois professores entraram - os dois de História Contemporânea - viram a luz apagada, e um disse: "Vamos trazer luz às trevas! Ahahah..." Eu havia esquecido de acender a luz da sala.

Comentários

Deixe seu comentário

Digite seu comentário (obrigatório):

Nome (obrigatório):

Email (não será publicado):

Website (opcional):

Digite o código de verificação:



Enviar Comentário